



O MEU LIVRO DO SÉCULO

Pedro Antunes¹

RESUMO: Para uma série encomendada ao final do século passado pelo hebdomadário *Die Zeit*, de Hamburgo, o teórico Peter Bürger elegeu “Dialética do Esclarecimento”, de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, o livro do século XX (*Die Zeit* online, Hamburgo, 1999). Zé

Difícilmente se pode hoje imaginar o que significou, para a geração que cresceu na República de Adenauer dos anos 1950, a descoberta dos textos de Adorno, quando, no início da década seguinte, eles começaram a surgir na Edition Suhrkamp e em outras séries de livros de bolso. O que, até então, não passava de um abafado mal-estar nas relações, ali merecia a elaboração conceitual. Aquilo que vivíamos como falta de ar tornou-se objeto da crítica.

Mas com isso não estava aplainado ainda o caminho para a leitura de “Dialética do Esclarecimento”. Foi em meados dos anos 1960, ao folhear, no primeiro ano de sua publicação, a revista *Sinn und Form*, editada em Berlim Oriental por Peter Huchel, que eu – ao lado de textos de Benjamin, Bloch, Lukács e Krauss – me deparei com a passagem sobre o episódio das sereias na “Odisséia”.

Mas o livro não podia ser encontrado nem no comércio nem na Biblioteca da Universidade de Bonn; fui lê-lo, finalmente, na Biblioteca Präsenz do Parlamento Federal. É óbvio, os pressupostos para a sua compreensão não nos havia transmitido a escola ou a universidade dos anos 1950. Fui obrigado a elaborá-los, para mim mesmo, com o meu próprio esforço.

Mas já então – assim, hoje, quer me parecer – fascinava-me algo que apenas tornaria a encontrar na “Fenomenologia do Espírito” de Hegel: um pensamento que recebia da literatura o seu impulso. A princípio, aliás, irritava-me o gestus da representação que parecia zombar de cada análise histórica, quando os autores comparam o Odisseu,

¹ **Zé Pedro Antunes** é professor de língua e literatura alemã no curso de letras da Unesp, em Araraquara, mestre e doutor em Estudos Literários pela UNICAMP. Entre outros, traduziu Hubert Fichte (“Ensaio sobre a puberdade”), Kathrin Saringen (“Brecht no Teatro Brasileiro”), Peter Bürger (“Teoria da Vanguarda” e “O Surrealismo Francês”), Peter Handke (“O Medo do Goleiro diante do Pênalti” e “Bem-Aventurada Infelicidade”) e Robert Walser (“O Ajudante”).



atado ao mastro, a espreitar o canto das sereias, a um freqüentador de concertos, mas seus comparsas, com as orelhas tapadas, obrigados a remar com todas as forças dos seus músculos, a modernos operários de fábricas.

Para mim, porém, estava cada vez mais claro: não se tratava, no caso, de interpretação, mas de adivinhar, na constelação de personagens e acontecimentos do épico pré-histórico, os contornos do sujeito moderno.

Abertamente, utilizavam-se os autores de um fato: o épico homérico conjugava uma quantidade de categorias – prazer e renúncia, auto-afirmação e auto-entrega, dominação, trabalho e arte – num contexto complexo e, ao mesmo tempo, dinâmico, que permitia pensar o sujeito como resultado de um processo dialético: o Eu não vive primeiramente na satisfação imediata de suas necessidades, às quais aprende a renunciar; é à renúncia que ele deve, e muito, a sua auto-afirmação, razão pela qual, para ele, a imagem da felicidade está ligada à exigência da perda de si mesmo.

Eu cito: “A humanidade teve que se submeter a terríveis provações até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e toda infância ainda é de certa forma a repetição disso. [...] O medo de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o temor da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade, que ameaçava a cada instante a civilização”. Frases como esta esclareciam não apenas o mal estar na sociedade, mas, ao mesmo tempo, abriam o acesso às experiências pessoais com a ambivalência, cujas condições sociais elas nomeavam.

Felicidade, é claro, só poderia haver na esfera da arte, para fora da qual a práxis havia sido violentamente banida. Isso, na época, eu não queria perceber. E, nos escritos dos surrealistas, procurava pelos vestígios de um pensamento para o qual o inteiramente outro sempre era possível.